

Guerra no Sudão desloca 8,6 milhões em um ano

Cenário 'humanamente inadmissível' revela descaso da comunidade internacional, que participa ativamente das guerras em Gaza e Ucrânia, afirmam especialistas; em campo de refugiados, uma criança morre a cada duas horas, relata ONG

THIAGO GUIMARÃES
thiago.guimaraes@globo.com.br

Pouco mais de um ano após o início de uma sangrenta disputa entre dois generais, o Sudão vive "uma das maiores e mais desafiadoras crises humanitárias e de deslocamento do mundo", com milhões de pessoas deslocadas, segundo uma porta-voz do Alto Comissariado da ONU para Refugiados (Acnur). Cerca de 40% da população também enfrenta grave insegurança alimentar e centenas de milhares de crianças sofrem de desnutrição aguda, segundo a ONU. Para especialistas ouvidos pelo GLOBO, o cenário é "humanamente inadmissível" e revela um profundo descaso da comunidade internacional, que participa ativamente das guerras em Gaza e na Ucrânia, "mas não dá a mesma atenção" para o povo sudanês.

CIDADES FANTASMAS

Dados do Acnur revelam que 8,6 milhões de pessoas foram deslocadas à força no último ano. O conflito fez com que mais de 6,7 milhões de sudaneses deixassem suas casas e mais de 1,8 milhão cruzassem as fronteiras do país rumo a territórios vizinhos — como Chade e República Centro-Africana — que se tornaram de um fluxo inédito de refugiados enquanto suas populações já enfrentam instabilidades sociais e econômicas.

— Os números de deslocados e refugiados são assustadores — diz Alexandre dos Santos, professor de História da África da PUC-Rio. — Cidades inteiras, como a capital, Cartum, viraram cidades fantasmas. Enquanto os generais disputam o poder, as pessoas simplesmente morrem. O país entrou em colapso.

A crise teve início em 15 de abril de 2023, quando o

Hamdan Dagalo, conhecido como Hemedti e líder das paramilitares Forças de Apoio Rápido (FAR), passaram a disputar o controle do país.

Em 2021, os dois generais haviam tomado o poder em um golpe de Estado, mas passaram a divergir sobre os planos de integração da FAR ao Exército oficial. A condição era crucial no acordo final para a retomada da transição de democracia no país, que teve início em 2019, com a queda do ditador Omar al-Bashir após três décadas no poder.

— Milhões de vidas foram completamente destruídas, e as pessoas vivem com medo — afirma Olga Sarado, porta-voz do Acnur. — As pessoas perderam membros da família, suas casas, e os ataques a civis continuam.

O medo é tanto, diz Sarado, que transcorridos mais de 365 dias de conflito, milhares de pessoas ainda deixam o país diariamente, "como se a guerra tivesse começado ontem".

— Trabalhamos para realocar os refugiados que chegam aos assentamentos que já existiam ou em alguns novos que criamos, mas ainda há cerca de 150 mil pessoas na fronteira e em áreas remotas, onde não há nada. Isso envolve muitos desafios logísticos — explica.

Enquanto os deslocados concentram-se em áreas remotas, uma parte significativa da classe média urbana (cerca de 500 mil pessoas, de acordo com o Acnur) busca refugio no Egipto, em especial a capital, que possui uma ligação direta por terra com Cartum.

— São arquitetos, médicos, professores, engenheiros, enfermeiras, universitários — elenca Sarado.

Além do deslocamento recorde, quase 18 milhões de sudaneses enfrentam grave insegurança alimentar e mais de 730 mil crianças sofrem de desnutrição aguda, segundo a ONU. No campo de desloca-



Disputa interna. Rebeldes de movimento que apoia al-Burhan; seu ex-número dois comandou grupo paramilitar rival

FLUXOS MIGRATÓRIOS DO SUDÃO

Mais de 8,6 milhões de pessoas foram deslocadas à força no último ano



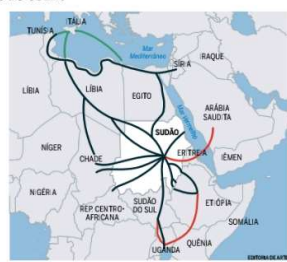
Fluxos migratórios do Sudão

Deslocamento por ar

Deslocamento por mar

Deslocamento por terra

Fonte: Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (Acnur)



dos de Zanzam, em Darfur do Norte, ao menos uma criança morre a cada duas horas, de acordo com a Médicos sem Fronteiras (MSF), enquanto esse número chega a "mais de duas crianças a cada 12 horas" no campo de Kalna, em Darfur do Sul, segundo o grupo humanitário Alight.

— É humanamente inadmissível que a gente compa-

tue com 40% da população de um país passando fome sem que a comunidade internacional tome ações contundentes para acabar com esse conflito ou para, ao menos, oferecer assistência a essas pessoas — diz Alexandre dos Santos.

PONTO DO ICEBERG

A ONU alertou, há duas semanas, que a crise humani-

tária desencadeada pelo conflito pode piorar drasticamente nos próximos meses, levando algumas regiões à fome. A emergência também pode se espalhar para os países africanos vizinhos, a menos que o conflito termine.

— O tempo está se esgotando — disse o porta-voz da Organização Mundial da Saúde

(OMS), Christian Lindmeier. — Sem o fim dos combates e o acesso irrestrito para a entrega de ajuda humanitária, a crise do Sudão se agravará drasticamente nos próximos meses e poderá afetar toda a região. Vemos só a ponta do iceberg. A OMS tem alertado sobre o colapso do sistema de saúde, que sofre com escassez aguda de pessoal, medicamentos, vacinas, equipamentos e suprimentos, enquanto o país enfrenta surtos de sarampo e cólera. Segundo Adnan Hezam, porta-voz do Comitê Internacional da Cruz Vermelha no país, 70% das instalações médicas não estão funcionando devido aos combates, "e as que ainda funcionam operam de forma crítica e com escassez de suprimentos e de pessoal qualificado".

Apesar dos dados alarmantes, o conflito parece estar longe do fim, avalia Santos. Enquanto o governo domina o mercado de exportação de petróleo, as FAR controlam a exploração das minas de ouro (antes nas mãos do Grupo Wagner, de mercenários russos). Assim, "cada lado garante o financiamento de suas próprias tropas", mas sem conseguir avançar no terreno.

Os esforços de mediação internacional conseguiram apenas anúncios de tréguas que rapidamente foram violadas. As sanções ocidentais ou o apelo de cessar-fogo do Conselho de Segurança da ONU, em março, também não apresentaram resultados. E ainda que a guerra acabasse hoje, o Sudão precisaria reconstruir "praticamente tudo", diz o especialista da PUC-Rio.

— Nem a riqueza gerada pelo petróleo vai possibilitar que o Sudão se reconstrua rapidamente. O país vai precisar da ajuda da comunidade internacional, mas essa mesma comunidade tem dado a entender que o conflito não merece a mesma atenção que Gaza ou Ucrânia, apesar de serem situações igualmente graves.

Israel reage a plano dos EUA de punir unidade militar

Há intenção de impor sanções a batalhão acusado de violações de direitos humanos, diz imprensa

TEL AVIV

Horas após celebrar a aprovação de um pacote bilionário de ajuda militar pelo Congresso dos EUA, Israel criticou uma iminente decisão de Washington de aplicar sanções a pelo menos uma unidade do Exército do país acusada de violações dos direitos humanos na Cisjordânia, ocupada pelo Estado judeu desde 1967. O premier Benjamin Netanyahu disse que a medida seria "simulacro de absurdo".

— Não devem ser impostas sanções às Forças Armadas de Israel (FDI)", escreveu no X (antigo Twitter). "Enquanto nossos soldados lutam contra os monstros do terror, a intenção de impor uma sanção a uma unidade da FDI é um rebaixamento moral".

Os rumores sobre as san-

ções começaram a surgir na última quinta-feira, quando o portal ProPublica divulgou que um painel do Departamento de Estado havia recomendado que algumas unidades da polícia e do Exército fossem impedidas de acessar a ajuda prevista no pacote aprovado no sábado. O painel cita uma série de incidentes ocorridos majoritariamente na Cisjordânia, que incluem torturas, estupros e assassinatos. Na sexta-feira, ao ser questionado sobre a reportagem, o painel disse que há investigações em curso e que ações devem ser anunciadas em breve.

No sábado, o portal Axios revelou que o Netzah Yehuda, um batalhão do Exército israelense, deve ser alvo de sanções nos próximos dias. Além de bloquear o acesso à ajuda dos



Luto. Homens veem corpo de palestino; incursão israelense deixou 14 mortos em acampamento na Cisjordânia

EUA, as medidas, diz o Axios, relacionam-se às chamadas

Leis Leahy, de 1997, que impe-

dem que armas e equipamentos

sejam cedidos a governos ou ins-

tituições ligados a violações

dos direitos humanos.

Baseado na Cisjordânia, o

batalhão Netzah Yehuda é

formado em grande parte por

jovens de assentamentos ju-

daios na região, que muitas

vezes foram rejeitados em ou-

tras unidades. Segundo o

Journal Times of Israel, ele foi cria-

do para que judeus ortodoxos

prestem o serviço militar sem

perder suas convicções. Os sol-

dados não interagem com

mulheres e têm um tempo

adicional para orações. A uni-

dade também é associada a

casos graves de violações.

Em meio à expectativa das

sanções, o motorista de ambu-

lância Mohammed Awad Al-

lan foi baleado no sábado en-

quanto prestava apoio a pes-

soas feridas em ataques de colonos na Cisjordânia, segundo o Crescente Vermelho Palestino — não está claro se os tiros partiram dos colonos ou de militares na área. Em comunicado, o Exército afirmou que forças da polícia de fronteira foram acionadas após um "confronto violento com arremesso de pedras que ocorreu entre palestinos e civis israelenses" e que, "durante o incidente, um motorista de ambulância do Crescente Vermelho Palestino foi morto". Uma investigação está em curso.

Os confrontos entre colonos e palestinos têm se intensificado nos últimos meses, assim como as operações do Exército na Cisjordânia. No sábado, 14 pessoas morreram durante uma incursão terrestre no campo de Nur Shams nos arredores da cidade de Tulkarem. Israel afirma que 10 dos mortos "eram terroristas", mas as autoridades locais questionam a alegação. Segundo o governador de Tulkarem, Mustafa Taqatpa, os "crimes de Israel incluem o abuso de cidadãos e a sabotagem deliberada e brutal da infraestrutura". Em outro incidente, dois palestinos foram mortos ontem por soldados depois de uma tentativa de ataque em Hebron.